

JOÃO ALFREDO

ALEMANHA:

ASPECTOS UNIVERSITÁRIOS

IMPRESA UNIVERSITÁRIA
RECIFE — 1966



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
IMPrensa UNIVERSITÁRIA
CAPA DE WILTON DE SOUZA
RECIFE — 1966

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

JOÃO ALFREDO

A L E M A N H A :

ASPECTOS
UNIVERSITÁRIOS

IMPRESA UNIVERSITÁRIA
RECIFE — 1966

Convidado pelo govêrno de Bonn, através da sua Embaixada, voltei a Alemanha em abril de 1965.

No aeroporto de Tempelhof, a minha mulher foi presenteadada com uma braçada de flores, símbolo das gentilezas com que seríamos distinguidos durante tôda a permanência no país que íamos visitar.

O programa apresentado à minha apreciação abrangia visita a cinco universidades e a outras instituições culturais como escolas de belas artes, museus, castelos históricos, monumentos, comparecimen-

to a óperas e concertos, excursões Berlim oriental, nos Alpes Bávaros e no Reno.

Demorado passeio de automóvel, no mesmo dia da chegada, deu-me oportunidade de comparar a Berlim de hoje, com a que conhecera muito anos antes, durante permanência em que freqüentei serviços cirúrgicos.

Áreas livres esparsas no centro urbano e a arquitetura que está diferenciando as construções novas, indicam a extensão da destruição sofrida durante a guerra, causada

pelos aviões de bombardeio ingleses e americanos e pelos canhões russos.

Na paisagem urbana diferente, destaca-se o medonho muro divisor da cidade em duas porções, construído para impedir ao berlinense o direito de ir e vir na capital do antigo império. Reforçado por defesas anti-tanques, o muro é vigiado por sentinelas avistadas em postos de observação onde binóculos presos em olhos perscrutadores e metralhadoras portadas ostensivamente, revelam a tensão existente e

que permanecerá enquanto fôr impossível entendimento entre os poderes confrontantes.

Em pontos diversos da face ocidental do muro, flores, luzes votivas e placas com inscrições, indicam os locais em que tombaram mortos, fugitivos que não queriam continuar a viver no setor oriental.

Em dois miradores presenciei velhinhas de olhos em lágrimas, acenando lenços para mulheres e crianças postadas distantes, do outro lado da barreira, impossibilitadas de aproximarem-se. Naque-

les acenos, testemunhados com emoção, expressava-se uma forma de sofrimento perdurante imposto pela impossibilidade de intercomunicação de familiares e amigos, resultado afastado e penoso de um régimen que representou absurdo retrocesso da civilização cujo desenvolvimento tanto deve à inteligência alemã, nos domínios da cultura, da ciência e da tecnologia.

Na altura do Wansee, o lago em que o berlinense se diverte nos fins de semana, soldados americanos faziam exercício de guerra, na qua-

lidade de partes das forças de colaboração da OTAN, representadas por contingentes militares da própria Alemanha e pelos antigos destacamentos de ocupação de franceses, ingleses e americanos.



A Universidade de Berlim fundada em 1810 por Wilhelm Humboldt, alcançou renome universal como centro de investigação científica e de alta cultura, sob a designação de Humboldt Universitat.

Incorporada no lado soviético continuou a ser a instituição cultural por excelência de Berlim, até que a mudança do espírito da Universidade, inspirou a um grupo de estudantes a promoção de movimento destinado a objetivar a criação de uma Universidade, na parte ocidental, afinal instalada em 23 de abril de 1948, como Universidade Livre de Berlim, organizada graças ao govêrno e a doações particulares, nacionais e estrangeiras, em casas residenciais adaptadas e em prédios construídos especial-

mente. Nessa Universidade estão convivendo mais de quinze mil alunos e funciona um departamento encarregado dos assuntos culturais relacionados com os países da América do Sul.

Herr Seel, colecionador apaixonado e presidente da União Alemã de Artistas, recepciona-me e fala com entusiasmo da atividade que vitaliza a arte alemã e da situação promissora das centenas de pintores que vivem das suas telas. Discorre sob o predomínio da arte abstrata e das novas formas adotadas

pelos figurativistas, como maneira de corresponder as condições impostas à vivência contemporânea que segue atuando no espírito dos jovens.

A Academia de Belas Artes, instalada na periferia do Tier Garten que ficou do lado ocidental, é a associação de cúpola dos que cultivam as artes da pintura, teatro, arquitetura, escultura e canto. Não ministrando ensino, funciona como um centro de estímulo a vocações que se revelam, de apoio aos que já adquiriram qualidades re-

presentativas, assim como ambiente onde se congregam os que, pelo renome alcançado, prestigiam as artes alemãs. Com o seu jovem diretor, percorri as salas de exposição, de conferências, de estar, de recreio, a biblioteca, o teatro e os apartamentos reservados a artistas de fora que a Academia queira hospedar.

Na companhia do professor Hann Trier, que êste ano visitará o Brasil, conheci a Escola de Belas Artes, cujas atividades abrangem o ensino de arquitetura, ministrado

associadamente ao das outras artes visuais. Na mesma escola, mais de oitocentos jovens, vivem intensamente, discutindo tendências das artes e procurando desenvolver o sentimento de criação.

Cumprindo o extenso programa oficial, visitei o setor soviético de Berlim, satisfazendo as exigências pertinentes aos diversos tempos do processo demorado e rigoroso, estabelecido na fronteira, para a obtenção de licença.

Após transpor a primeira cancela, guardada de ambos os lados por

policiais de metralhadoras na mão, recebe-se da polícia oriental uma ficha numerada que é entregue mais adiante, em guichê onde o passaporte é examinado e passado através de pequena fresta para recinto invisível. Munido de outra ficha numerada, caminha-se para nova seção a fim de receber formulário a ser preenchido com os dados pessoais contidos no passaporte, acrescentados de declaração da quantia de dinheiro e de relação dos objetos de valor conduzidos no momento. Após mostrar os obje-

tos de valor e o dinheiro que é entregue para ser conferido, responde-se a algumas perguntas e recebe-se o passaporte acompanhado de cartão a ser entregue na caixa bancária onde, obrigatoriamente, troca-se cinco marcos ocidentais por cinco orientais. Agora é o momento de um policial fazer minuciosa vistoria no automóvel. O carro liberado é dirigido para a segunda cancela, junto a qual entrega-se a última ficha recebida e mostra-se o passaporte.

A famosa Unter den Linden, a-

tualmente Karl Marx Allee depois de ter sido Stalin Allee, está quase completamente reconstruída, mas para fora dos seus limites há muito o que fazer a fim de se apagar as marcas dos bombardeios que tanto a destruíram. Depois de andar durante horas, de automóvel e a pé, em completa liberdade, entrei no Café Moscou, o melhor de Berlim oriental, segundo informação local, salão realmente bonito, frequentado no momento por gente de aspecto diferente da que anda nas ruas, tomando chá, ouvindo ótima

orquestra e a voz agradável de uma jovem cantando em alemão, canções italianas e americanas.

Do que vi nas ruas, guardei impressão desfavorável em comparação com Berlim ocidental onde o movimento de automóveis é intenso, o comércio é luxuoso e as mulheres vestem-se com elegância e atualidade.

Os berlinenses do lado ocidental são otimistas em relação à prosperidade vigente, porém conscientes das restrições que obrigam a não se iludirem quanto a possibilidade de

desaparecimento da divisão da cidade e do restabelecimento da unidade alemã.

A reconstrução de Berlim ocidental obedeceu a normas arquiteturas e urbanísticas que alteraram o antigo aspecto da grande cidade, apresentando algumas ousadias como as representadas pelo Átrio do Congresso, alcunhado de *A ostra*, e destinado a convenções, conferências, assembléias e o da Filarmônica, conhecido como *Circo Karasone*, do nome do seu diretor e como

paródia ao Circo Sarazane, do qual lembra a forma exterior.

A Ópera construída em Berlim ocidental, por que a antiga ficou ilhada no setor oriental, é um grande teatro diferente das óperas habituais. Impressiona pelo arrôjo da concepção que permitiu uma série de partidos arquitetônicos originais e pelo efeito plástico das superfícies limitantes dos espaços interiores.

D. Carlos, a ópera a que assisti, baseada em drama de Schiler, tendo como cenário o sombrio Escorial

da Espanha, foi espetáculo notável graças à qualidade dos responsáveis pelos diferentes papéis, cantores internacionais, entre os quais destacava-se o baixo que interpretava o Cardeal cego, chefe da impiedosa inquisição espanhola.

A sede da Filarmônica tem a aparência exterior pouco agradável enquanto interiormente proporciona impressão soberba, pela amplitude dos espaços dispostos em diferentes planos onde se movem os frequentadores e sobretudo pela maneira como foi concebido o am-

biente no qual a orquestra fica cercada por balcões dispostos em diferentes planos e de tal maneira que, de qualquer poltrona se vê o palco e todo o conjunto interno, distribuído em quatro faces, cada uma com forma própria, responsável pela harmonia do conjunto. A sala de concertos, de capacidade ainda maior do que a da ópera, estava inteiramente lotada na noite em que compareci a um concêrto de música moderna dirigido pelo regente japonês Hiroiuki Iwaki,

tendo Michel Schwalbe como solista.

Junto da torre restante do antigo Dom, conservada como monumento, em cujo interior ainda se pode ver bonitos mosaicos, foi construída a atual catedral luterana, de forma octogonal. A nova igreja, na simplicidade da sua forma moderna e nada sugestiva, oferece interiormente uma estranha sensação de beleza, valorizada pelos vitrais que só então se revelam, ocupando tôdas as faces da figura geométrica determinante da forma do

recinto dominado por grande Cristo de braços abertos, em gesto de acolhimento aos fiéis que, movidos pela fé, a cada momento, penetram na tranqüilidade acolhedora do ambiente místico inserido na inquietação envolvente das ruas que convergem para a praça circundante.



A Baviera, elevada de Ducado a Reino, por Napoleão I, em agradecimento pelas ajudas recebidas em algumas das campanhas do Impe-

rador francês, é Estado fortemente tradicionalista, qualidade que se revela no primeiro contacto com a sua capital, cidade de beleza estranha nos estilos dos seus edifícios desprovidos de sinal de destruição.

A Universidade Ludwig — Maximilian, tendo tido três quartas partes destruídas, foi inteiramente refeita, de acôrdo com a arquitetura dos edifícios desaparecidos e está sendo ampliada com várias construções modernas.

Na frente da Reitoria, de duas fontes iguais, jorra água em abun-

dância, dando ao local, aquêle toque de beleza próprio da água como elemento decorativo. Às 10 horas transponho a entrada do edifício central para ser recebido pelo Magnífico Reitor Weber. Encontrei o saguão atravessado por quatro filas paralelas e extensas de moças e rapazes, movendo-se em demanda da tesouraria. Como acontece entre nós, a grande maioria tinha deixado o pagamento da taxa do semestre para o último dia e estava na penitência da fila.

Sou recebido pelo Vice-reitor e

meia hora depois entra na sala o Reitor acompanhado de professôres, pressuroso em excusar-se por não ter sido pontual, em virtude de problema imprevisto relacionado com estudantes e que necessitara convocação imediata do Conselho de Administração, para tomar conhecimento do caso e acertar as providências cabíveis. O imprevisto deu-me oportunidade de conhecer um problema estudantil, em momento da sua evolução, em universidade onde o regímen disciplinar antigo não permitiria que fôsse for-

mulado como acontece agora, graças ao sistema democrático resultante da certeza de que o govêrno ditatorial não tinha trazido vantagem definitiva para o país.

Nesse encontro, sou informado pelo Reitor ou por algum dos seus assessores presentes, sôbre aspectos da administração e das atividades universitárias peculiares à formação profissional e ao desenvolvimento da cultura e da ciência.

Antes da guerra a Universidade reunia oito mil alunos; reduzida quase totalmente a escombros, foi

reerguida de acôrdo com previsão que aconselhava criar ambiente para doze mil e tem, atualmente, vinte e seis mil rapazes e moças, transbordando dos seus laboratórios e salas de aulas, porém está, não só se esforçando para corrigir a situação, como também para atender ao número crescente de alunos que se apresentarão para frequentá-la no anos futuros.

Na companhia do Dr. Bachmann professor de Anatomia, visitei a Universidade e especialmente o Instituto de Histologia e Biologia

Experimental, observando o vulto dos recursos materiais de que dispõe para facilitar as funções de ensinar, de aprender e de pesquisar. À semelhança do que acontece com outros, êsse Instituto dispõe de microscópio eletrônico e de pessoal treinado para o seu manuseio e para a interpretação de imagens que são fotografadas e arquivadas sempre qu eapresentam interêsse.

Observando uma sala de aula teórica, em construção e destinada ao Departamento de Farmacologia, afastada por poucos metros da sala

de aula teórica daquele Instituto, indaguei se a sua sala não bastaria para atender às necessidades de ambos; a resposta obtida foi a seguinte: o senhor sabe como há professores difíceis. Referi então ao meu ilustre guia o esforço que tinha iniciado quando Reitor da Universidade do Recife, a fim de reunir o ensino de disciplinas semelhantes e afins, esparsas em escolas diferentes, tendo em vista facilitar o ensino, estimular a pesquisa, fortalecer a convivência entre os docentes, evitar a duplicação desne-

cessária de material e corrigir a atitude dos que não produzem e têm a sem-cerimônia de se empenharem para a aquisição de aparelhos que nem ao menos sabem como funcionam. O professor Bachmann fêz votos pelo prosseguimento e êxito da inovação, em o nosso meio universitário.

Em Munique, aos vinte e seis mil alunos da Universidade Ludwig — Maximilian, juntam-se quatorze mil da Universidade Técnica e os das escolas superiores não incorporadas em qualquer das duas, como a

Escola de Música, freqüentada por mais de mil estudantes.

Êsses centros educativos e científicos, acrescidos de bibliotecas, museus, galerias de arte, salas de concerto, teatros, parques, monumentos sacros e profanos, orquestra sinfônica, dão à capital da Baviera condições para disputar com Berlim, o primado da cultura, da ciência e das artes.

Aquelas dezenas de milhares de estudantes enchem de vida os setores escolares, entre os quais encontra-se o dos aprendizes de artes,

como o das visuais, que expõem trabalhos nas calçadas, discutem tendências e os resultados das pesquisas orientadas, em busca de maneiras novas capazes de lhes permitir se expressar com personalidade.

Enquanto o berlinense reconstruiu a sua cidade adotando arquitetura moderna, o muniquense preferiu reerguer tudo o que tinha sido posto abaixo, reproduzindo o aspecto primitivo. Por força desse sentimento rigidamente conservador, Munique voltou a ostentar o seu ar de cidade que cresceu através do

tempo, construindo os seus palácios, em quase todos os estilos do passado, grego, romano, gótico, renascentista, barroco, rococó, neo-clássico, comportamento que deu à Ludwigstrasse a fisionomia de rua florentina, responsável talvez, por Tomas Man considerar a velha cidade como o mais italiano dos burgos do norte dos Alpes.

A Praça Real tem três faces ocupadas por edifícios copiados da Grécia, construídos pelo rei Luis I, e que exemplificam os três estilos

de colunas gregas, corinto, jônico e dórico.

A Galeria Municipal é como uma casa de campo dos tempos romanos; a Catedral de Nossa Senhora, é gótica e há igrejas de vários estilos, algumas tendo as tôrres terminadas em forma de bulbo, como os templos ortodoxos.

O apêgo ao passado não admitiu alternativa, mesmo em face da consideração de que, refazer reproduzindo, seria mais dispendioso, como no caso da Ópera, cuja reconstrução, tal qual era, custou mais de

sessenta milhões de marcos, enquanto o preço de um novo teatro com a mesma finalidade, moderno e com maior capacidade não iria além de trinta milhões. No ambiente barroco do teatro ressurgido assisti Salomé, ópera de Oscar Wilde, com música de Richard Strauss.

A marca da destruição imposta como revide, apenas permanece no Museu de Armas, cujas alas laterais foram transformadas em escombros, enquanto o corpo central permaneceu de pé e é assim mantido como monumento destinado a

lembrar com realismo, às novas gerações, o que a guerra é capaz de fazer.

Outra lembrança objetiva ficou no Arco do Trifunfo do rei Luis I. Embora restaurado em todos os seus detalhes, deixaram em uma das faces, como grande cicatriz, uma área lisa, com a seguinte inscrição: “Erguido em uma vitória, — destruído pela guerra — reconstruído como advertência para a paz.

No saguão dos grandes edifícios, encontram-se advertências expressivas, sob a forma de fotografias

que mostram o que dêles restava após o pesadelo da guerra.

No dia 1.º de Maio a Praça Real estava ocupada por trabalhadores da cidade e do campo, voltados para a tribuna armada em frente da colunata de um dos edifícios que são cópias dos Propileus da Acrópole de Atenas. O orador do momento, falava para ouvintes atentos que aplaudiam quando escutavam palavras que lhes agradavam, como a referência à necessidade de maior número de filhos de trabalhadores ingressarem nas universidades, ou

quando, ressaltando que a situação do trabalhador era boa, afirmava que seria melhor se fôsse derrubado o Primeiro Ministro da Baviera, o homem do escândalo do “Die Spiegel”, sustentado pela União Social Cristã. Na altura dos capitéis das colunas coríntias em cuja frente estava a tribuna, havia dois painéis separados, com estas duas frases, em grandes letras: “Paz no mundo. Paz no Vietnan”. Entre os dois e um pouco mais acima, um terceiro cartaz com estas palavras: “No meio está o homem”.

Ao que se diz, a prosperidade faz com que cada alemão tenha trabalho bem remunerado e, o que é mais, dá meios para viver nas mesmas condições, a um milhão e duzentos mil franceses, italianos, espanhóis, portugueses e gregos, entregues às mais variadas atividades, na indústria e na agricultura, amparados por direitos iguais aos dos nativos.

Na tarde daquele dia as cervejarias transbordavam com freguesia alegre que bebia em grandes canecas de louça trabalhada, cerveja

servida em barris de três litros, colocados sôbre as mesas, para que os freqüentadores se servissem pessoalmente e que eram revezados enquanto ouviam a orquestra ou acompanhavam canção em voga, terminada sob aplausos ruidosos.

A manhã ensolarada de um domingo de maio, oferece-se propícia à excursão programada para os Alpes, para onde segue o meu carro incluído na esteira que se move na direção de Insbruck. Aqui e acolá, mais automóveis incorporam-se às filas em prosseguimento, para de-

pois irem deixando a estrada e parando nas margens do Isar, em clareiras dos bosques de pinheiros ou nas margens dos lagos que se sucedem em alturas diferentes. À proporção que a altura aumenta, alarga-se o horizonte, desdobrando o quadro paisagístico em cuja composição impressionista, inserem-se o céu alto e claro, a água de degêlo cascadeando pelas encostas, picos nevados, pinheirais, aldeias, lagos, vales e curvas do Isar.

Em Hertzogstand subo mais novecentos metros, transportado pelo

cabo de aço de que pendem cadeirinhas aéreas isoladas que oscilam levemente no ar frio e acariciante, até a plataforma do pico em que esquiadores deslizam volteando em curvas caprichosas.

De regresso do alto, a excursão é prolongada até Wallgau, estação de repouso e alpinismo, para o almôço a que comparece o burgomes- tre e o chefe do Departamento de Turismo. Nesse encontro eu e minha mulher somos obsequiados com belíssimo pergaminho, oferecido como lembrança.

Loquaz, malicioso e folgazão, o burgomestre, no momento da despedida, sugere uma saudação com aguardente da região, feita de trigo e aromatizada com raiz de planta que sòmente viceja nos mais elevados cimos dos Alpes. Aceito a sugestão propondo que as doses sejam servidas em cálices pequeninos. O alegre burgomestre aplaude o alvitre, dizendo: “perfeito, professor, mesmo porque sou eu quem vai pagar”.

De regresso para-se em pequena cidade, para que minha mulher as-

sista a um baile ao ar livre, com os pares em trajes regionais, vistosos e bonitos, festejando a “árvore de maio”.

Entre os museus e galerias de arte de Munique, sobressai a “Velha Pinacoteca” que se vangloria de possuir o maior número de telas de Rubens, reunidas em um só museu e de um auto-retrato de Durer, que foi cortado a faca por um desequilibrado, impressionado com a fôrça de penetração do olhar que parece sair da tela.

Na “Casa da Arte” os *Girassóis*,

uma das mais afamadas pinturas de Van Gogh, está sendo prejudicada com o passar do tempo, uma vez que, o colorido amarelo das grandes flores que o pintor celebrizou, perde a claridade e o brilho, por modificação do pigmento usado pelo artista sofredor, que nem sempre tinha dinheiro para comprar boas tintas.



A partir de Stuttgart, as cerejeiras cobertas de flores e os brotos

intumescidos de árvores ainda desnudas, enfileiradas nas terras planas, nas encostas suaves e nos pequenos quintais divisados ao longo da estrada, anunciam a presença da primavera, no milagre da renovação da natureza percebida nos brotos e nas flores que se abrem colorindo a paisagem.

A cortesia com que fui recebido em Berlim e Munique, repetiu-se em Heidelberg. Ao deixar o expresso sou recepcionado por uma comissão de professôres, inclusive um brasileiro que há seis anos le-

ciona em um dos institutos da Universidade.

Situada entre o rio Neckar e colinas que limitam o vale estreito, a cidade muito velha para nós brasileiros, tornou-se sede da Universidade que lhe dá fama internacional, fundada em 1386, quando a duplicidade do papado, criada com o cisma de Avignon, fêz sair da França os mestres alemães que ensinavam teologia e leis. O então príncipe eleitor de Heidelberg, inteligentemente, aproveitou o ensejo e atraiu para a sua cidade os mestres

que deixaram a França acompanhados de discípulos e com êles fundou a Universidade, cujo funcionamento foi autorizado por bula papal que tive oportunidade de ver, guardada em sala especial da biblioteca da Universidade, na companhia de documentos selecionados como um papiro egípcio de mil anos antes de Cristo, escritos gregos e coptas também de séculos que precederam a era cristã, assim como livros do período medieval, admiravelmente ilustrados em côres, com predominância de ouro e de vermelho.

Após ser recebido pelo Magnífico Reitor Wilhelm Gallas, sou por êle e sua espôsa distinguido com um almôço também oferecido à minha mulher.

O Reitor desdobra-se em indagações em tôrno de vários aspectos da vida universitária brasileira, sôbre a influência cultural que as universidades estão exercendo e comenta o pouco adiantamento do ensino técnico, fator negativo em país em desenvolvimento, expressão usada pelos alemães, por motivos psicológicos. O Reitor revelou

conhecimento de um aspecto da formação profissional da juventude brasileira, em atraso com as exigências do progresso técnico que o país precisa alcançar e que é retardado por incompreensões.

O Dr. Berthold Mueller, professor de Medicina Legal e diretor da Faculdade de Medicina, na companhia de sua senhora obsequia a mim e à minha mulher, com um almôço em que tive o ensejo de conhecer o plano de ampliação da sua Faculdade, já em andamento com a construção do grande edifício do

Instituto de Anatomia, em cujo equipamento incluem-se três microscópios eletrônicos. Após o almoço, vamos até os novos institutos que percorro, tendo a mais a companhia do Dr. Diezel. Durante as escavações feitas para as fundações das novas obras, foram encontrados vários objetos romanos, que passaram a aumentar as coleções arqueológicas.

Jantar oferecido pelo professor Friedrich Irmen, motivou conversa que se prolongou por quatro horas. O professor Irmen já esteve no

Brasil e evidenciou o seu interesse de estudioso dos problemas brasileiros, que comenta como pessoa informada e desejosa de colher esclarecimentos e informações, para a sua apreciação de homem culto.

A Universidade, não atingida pela guerra demolidora, nos seus primórdios tinha como principal componente, a Faculdade de Teologia, em que dava ênfase ao estudo do Direito Canônico e das suas implicações com a ciência jurídica, continua a ter projeção privilegiada como centro de ensino de Teolo-

gia, como a de Munique no ensino da Medicina e a de Bonn, no de Direito.

Entre os onze mil estudantes matriculados nos seus cursos, mil e setecentos vieram de setenta e seis países, sobressaindo pelos números, 249 americanos do norte, 183 iraquenses, 77 sírios, 67 noruegueses, 63 gregos, 53 indus, 46 jordanianos, para citar apenas algumas procedências, enquanto há apenas dois brasileiros, um matriculado no Instituto de Intérpretes e o outro na Faculdade de Teologia.

Para obtenção de diploma no Instituto de Intérpretes, existente em duas universidades alemãs, é preciso falar alemão, exprimir-se corretamente na língua em que se deseja ser intérprete, saber a história do país do idioma escolhido e dominar conhecimentos atualizados de ordem política, econômica, jurídica e técnica.

Em Heidelberg o Instituto de Intérpretes mantém uma seção espanhola e outra luso-brasileira, com a matrícula de setenta estudantes e

conta, há seis anos, com a colaboração de um professor brasileiro.

A visita terminou pelo edifício que funcionou como prisão de estudantes. As paredes escuras apresentam-se cobertas de frases e de desenhos feitos com carvão que era destinado ao aquecimento nos dias e noites frias e que era o único material disponível para os prisioneiros diminuírem a monotonia das horas de cárcere, impostas por julgamento exarado por comissão de professôres, em casos de bebedeira, arruaças e serenatas fora de

hora. Em frente da porta de entrada, em caracteres gordos, também a carvão, aparece ao visitante, o célebre verso de Dante, na Divina Comédia: “Lasciate ogni speranza voi ch’entrate”.



Em Frankfurt visitei inicialmente a casa e o Museu de Goethe, contíguo à residência do gênio que tão alto elevou a cultura alemã. Nos dois ambientes em que se homenageia a memória de um homem ex-

cepcional, às telas, desenhos e estampas colecionadas pelo autor de Fausto, reúnem-se preciosidades como o relógio astrológico, a prensa manual em que trabalhava e também os móveis e utensílios indispensáveis ao lar de quem ocupou lugar proeminente na sociedade.

Sòmente em três, das dezoito universidades clássicas da Alemanha ocidental, não há faculdade de Teologia, católica ou protestante e em algumas, como na de Frankfurt e na de Bonn, são estudadas as duas teologias, separadamente. O

alto interêsse consagrado a êsses estudos, evidencia o respeito daquelas universidades, pela importância da presença do cristianismo no contexto da civilização ocidental.

Na Alemanha, cada possuidor de aparelho receptor de TV ou de rádio, paga mensalmente a taxa de cinco e de dois marcos, respectivamente. Essas contribuições obrigatórias formam um fundo especial destinado a manutenção das emisoras e têm a virtude de permitir a irradiação de programas de nível

alto, servindo, de verdade, ao aperfeiçoamento cultural do povo.

Em Frankfurt, o edifício moderno da emissora tem um belo salão onde se vai como a uma sala de concertos. Aí ouvi a orquestra sinfônica com mais de cem figuras, executar um concêrto de música de Alfredo Casella e de Hector Berlioz, para um público que no fim de cada parte, aplaudia calorosamente, obrigando o maestro a aparecer repetidamente.

Uma das curiosidades locais é a Tôrre Henninger, alta de cem me-

tros, sôbre a qual um restaurante de forma cilíndrica, gira lentamente, permitindo que durante a refeição, descortine-se o panorama da cidade, em todos os quadrantes.

Rodando por colinas cobertas de florestas de pinheiros que lhes dão o ar de estilo gótico e não barroco como o das nossas, com áreas abertas para o esporte de frio, cheguei a Saalburg, reconstituição de uma das cidadelas com que os romanos protegiam as fronteiras do império, escalonando-as de distância em distância, na muralha construída do

Mar do Norte ao Mar Negro, como defesa contra os bárbaros que por tanto tempo souberam conter. Ao lado da cidadela, restos de construções revelam detalhes dos meios adotados pela engenharia romana, para dar confôrto no tempo do frio, representados pelo sistema de circulação de água quente em tubulação de barro cozido.

Nas dependências da fortaleza está exposta enorme quantidade de objetos encontrados nas vizinhanças da antiga muralha, nas áreas de outras cidadelas e de postos de

observação, tais como engenhos de guerra, utensílios domésticos, instrumentos de carpinteiros e de ferreiros, adornos femininos, objetos de toucador, jarros para vinho e azeite, grãos de trigo e sementes petrificadas. Ao lado de muitas peças, um exemplar atual, mostra como a forma de muitos instrumentos daquele tempo é a mesma de hoje, com ligeiras modificações.



Em Rüdesheim, enquanto aguar-

dava a hora do vapor em que desceria o Reno, aproveitei o tempo para percorrer os arredores do pequeno pôrto fluvial e cheguei à colina em que se eleva o monumento comemorativo da vitória na guerra franco-prussiana, monumento de proporções grandiosas, semelhante ao que horas depois, vi dominando a confluência do Mosela e erguido em comemoração do mesmo feito.

Desci o Reno até Bad Godesberg, vendo o seu trecho mais belo, aquê-
le em que corre apertado entre colinas semeadas de castelos de sécu-

los passados, pousados nas encostas e em cocorutos dominantes, marcando a decantada paisagem, com a presença de tórres, ameias e ruínas.

Forçando uma curva fechada do rio, aparece o “Rochedo de Lereley” a virgem lendária que, à semelhança da nossa Iara, enfeitiçava os jovens que a ouviam e viam. No alto do penhasco abrupto, nas noites de luar, esplendia o corpo da sílfide vestida de branco, a longa cabeleira dourada esvoaçando ao vento, entoando cânticos que enfeitiçavam

os jovens cujos barcos descuidados arrebentavam-se contra o penhasco e eram tragados pelo rio, até o dia em que duas ondas, galgando o rochedo arrebataram a ninfa cujo poder de sedução, dizem, permaneceu com as moças que habitam a região onde viveu Lereley. Enquanto o navio passa pelo rochedo lendário, os alemães de bordo, entoavam uma canção que fala da virgem enfeitiçadora, ainda viva no fundo do Reno.

Navegando à vista de vinhedos estendidos nas encostas ensolaradas

e de castelos que se sucedem dando romantismo à paisagem, cada um com a sua história e alguns, cenários de lendas poéticas, chego a Bad Godesberg, deixando à direita a casa de residência de Adenauer que, segundo ouvi, foi a razão de Bonn ter sido escolhida para a sede do governo da Alemanha ocidental.



Em Bonn não tive oportunidade de avistar-me com o Reitor, que se encontrava em Viena, tomando par-

te nas comemorações do sexto centenário da Universidade da capital austríaca. Não faltaram porém encontros significativos, como o que tive com o professor Emil Donati, destacado para receber-me e em cuja companhia percorri a Universidade.

Confirmando objetivamente o problema crucial do número de alunos que superlotam as universidades, vi em uma sala de aula, rapazes e moças ocupando os dois corredores de acesso, sentados nos degraus das passagens do anfiteatro,

apertados no espaço da frente da mesa em que um assistente fazia exposição do assunto da aula.

O Dr. Grenzof, da Conferência Permanente dos Ministros da Educação dos Estados e a senhorita von Bedecker, encarregada do setor internacional da Conferência de Reitores da Alemanha Ocidental, proporcionam-me encontros durante os quais foi possível ampla troca de informações em torno da maneira como funcionam as universidades alemãs e as brasileiras e de as-

pectos culturais e científicos, inerentes ao complexo universitário.

No Serviço de Intercâmbio Alemão, o Dr. Fritz H. Scheibe e a senhora Marie Louise Ulrich, explicam-me o funcionamento do órgão de que fazem parte e que é destinado a fomentar, com a doação de bôlsas de estudo, a vinda de jovens estrangeiros que desejem estudar em qualquer das universidades da Alemanha ocidental, como parte do esforço de intercomunicação exercido em favor das relações humanas e de contribuição para o pro-

gresso dos países em desenvolvimento.

No departamento estudantil, que cuida dos alunos estrangeiros, o seu presidente, o estudante Obladen, mostra-se intrigado com o pequeno número de brasileiros nas universidades alemãs.

Em uma tarde, olhando de um jardim onde brincavam crianças, a sossegada paisagem urbana marcada pela presença do rio, surge no espaço o vulto prateado de um Zeppelin evoluindo lentamente e reavivando a visão do dia em que todo o

Recife alvoroçou-se para ver o dirigível alemão quando, pela primeira vez, passou em nosso céu.



Depois de muitos anos volto a Colonia, para rever a sua admirável Catedral, o primeiro templo em estilo gótico que conheci; responsável por impressão nunca esquecida. O rendilhado de pedra que lhe dá esplendor, a meia luz vinda através dos vitrais e o misticismo que paira no ar frio das naves alteadas entre

as colunas trabalhadas, compõem atmosfera de mistério que envolve o espírito, insinuando introspecção e fazendo o pensamento dirigir-se para cima, reafirmam a impressão deixada pela primeira visão de uma Catedral gótica e que não foi superada no ambiente de outros templos grandiosos, padrões do mesmo estilo, como a Catedral de Milão e Notre Dame de Paris.

Algumas manchas claras mostram os pontos das feridas abertas pelos bombardeios que destruíram a ponte vizinha e arrebentaram

agulhas e vitrais do templo, símbolo cristão da grande cidade do Reno.

Ao lado direito da Catedral, em 1941, durante as escavações destinadas a construção do abrigo anti-aéreo, foram encontrados os restos de uma casa romana com o piso de uma das salas formado por enorme mosaico do século III, finamente trabalhado e perfeitamente conservado. O achado surpreendente, é hoje, uma preciosidade entregue a admiração pública. Essa obra de arte chamada Mosaico de Dionísio,

é mantida em ambiente climatizado, determinado pela técnica de conservação, a fim de evitar possível deterioração acarretada pela exposição ao ar, depois de ter permanecido soterrada por tantos séculos.

O Schloss Burg localizado perto de Colonia, imponente castelo medieval, restaurado de acordo com a sua arquitetura primitiva e transformado em museu, reúne variado documentário regional de diferentes épocas, tais como o crânio do homem de Neandertal, restos de um urso da época glacial, objetos

das idades da pedra, do bronze e do ferro, utensílios das tribos germânicas e dos romanos que estiveram na região, armaduras e espadas da idade média, armas da renascença e dos tempos de Napoleão.

Em manhã de sol, rara na primavera retardada de que tanto se queixam os alemães, desejosos de se livrarem do frio demasiadamente prolongado, visitei a coleção de inestimável valor histórico e assisti a chegada do cortejo de jovem par que, de acôrdo com o romantismo alemão, logo após a cerimônia nup-

cial, dirigira-se ao castelo, para ser feliz e para o almôço nupcial.



Os velhos edifícios universitários poupados pelos bombardeios, os restaurados e os construídos recentemente, para ampliar a capacidade das universidades, abrigam um número de estudantes que ultrapassando de muito as previsões estabelecidas, constitui o maior problema universitário do presente. Essa superlotação estudantil resultante da

crescente prosperidade geral, responsável pelo aumento progressivo da quantidade de adolescentes que chega ao fim do curso secundário vem sendo atenuada com a criação de novas universidades como as de Mayence, Berlim e Sarrebruck, a construção de mais salas de aulas, de maiores laboratórios, de escolas de aperfeiçoamento técnico, de institutos superiores autônomos e organização de novos cursos destinados a oferecer maiores oportunidades, em amplo esforço construtivo ditado pela consciência nacional, se-

gura de que nenhum investimento público oferece maior rentabilidade do que o aplicado no desenvolvimento da cultura, da ciência e da tecnologia.

Paralelamente a êsse esforço, reorganizaram-se as bibliotecas universitárias, fundaram-se bibliotecas especializadas de institutos de pesquisas e até de grandes emprêsas industriais e comerciais.

A seriedade e a objetividade com que é cuidada a educação, contrasta com o que ocorre onde se dificulta o esforço dos que lutam mo-

vidos pelo desejo de contribuir para apressar a correção do processo educativo retardador da libertação do estado de subdesenvolvimento e das suas implicações político-sócio-econômicas, até com o recurso de forçar a interrupção da educação, pelo impedimento anteposto à justa ambição dos adolescentes de prepararem-se profissionalmente em grau superior e que obriga a reclamações que não deviam ocorrer como a que, poucos dias depois de ter deixado a Alemanha, assisti em Atenas, quando rapazes e moças,

conduzindo cartazes e cantando, desfilavam reivindicando vagas na universidade grega.

A extensão do ensino técnico, a variedade de trabalho bem remunerado e o direito sem restrições, de acesso à Universidade, evitam o problema do “excedente” representado pelos que, aprovados nos concursos de habilitação, não conseguem matrícula e sentem-se frustrados e injustiçados por não alcançar vaga, mesmo tendo satisfeito todos os requisitos de ordem burocrática e de comprovação intelectu-

al na seleção estabelecida pelo curso de habilitação.



A constituição alemã de 1949, assegura a liberdade que deve acompanhar o processo educativo, quando estabelece: “Arte e ciência, pesquisa e ensino, são livres”.

No plano federal existem o Ministério Federal de Pesquisas Científicas mas não há Ministério da Educação, por isto que, os problemas educativos nos seus diferentes

planos, ordenam-se entre as tarefas peculiares aos onze Estados, cada um possuindo o seu Ministério da Educação e todos contando com a colaboração da “Conferência Permanente dos Ministros da Educação Nacional dos Estados”, que se reúne cada dois meses, para debater e opinar sôbre “problemas da política cultural de importância supra-regional”, cujas decisões, resultantes de votação unânime, são comunicadas aos Estados, para a necessária execução.

Um segundo organismo, a “Con-

ferência dos Reitores da Alemanha Ocidental”, integrada por todos os reitores, reúne-se duas vezes por ano e dispõe permanentemente de um secretário geral, seis secretários de seções, um bibliotecário, todos de formação universitária e mais treze funcionários.

A Conferência dos Reitores, interrelaciona as universidades cuidando dos problemas comuns e coordena atividades relacionadas com o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico, convoca mensalmente uma reunião na qual toma

parte um Reitor representando as universidades de cada Estado e ainda uma outra, também, periódica, da qual fazem parte o presidente da Conferência, o vice-presidente e três Reitores.

Esse complexo orgânico disciplina as tarefas pertinentes ao binômio ensino-pesquisa à serviço do preparo profissional e da ciência considerada como pesquisa e ensino dos métodos utilizados e de outra parte tem o mérito de controlar a aplicação de iniciativas, em acôrdo com as possibilidades regionais de

assegurar-lhes eficiência, obstando repetições indiscriminadas, resultantes de espírito de imitação ou de bairrismo injustificável, como sói acontecer onde não há estrutura harmônica.

Embora os Estados sejam os responsáveis pela manutenção das universidades e o govêrno federal ajude os orçamentos das construções e dos programas de pesquisas, com cinqüenta por cento dos respectivos valores orçamentários, nenhum dos dois poderes interfere nas universidades, cujo prestígio depende

unicamente da qualidade do ensino que ministram e do conteúdo cultural e científico de cada uma.

Como o exercício da função de Reitor tem a duração de um ano, raramente havendo recondução, há em cada Universidade, uma comissão de cinco membros eleitos por quatro anos, asseguradora da continuidade administrativa.



A investigação científica levada a efeito dentro e fora das universi-

dades, considerada de importância nacional, é mantida e cresce, sustentada, controlada e ajudada por órgãos públicos e associações particulares como o Ministério Federal de Investigações Científicas, Ministério Federal de Assuntos Atômicos, os Ministérios da Educação dos Estados, a Associação de Doadores da Ciência Alemã, a Comunidade Alemã de Investigação.

Essa atividade, estendendo-se do campo atômico e interplanetário às mais diversas cogitações de natureza científica como as que são pró-

prias do Instituto Federal de Sovietologia, que estuda problemas dos países do este europeu e o marxismo-leninismo, é supervisionada por Conselho Científico a quem compete traçar as normas gerais da política científica do govêrno federal, executada no âmbito universitário ou fora dêle, como acontece com a Sociedade Max Plank de Fomento das Ciências, que reúne quarenta institutos de pesquisas.

As cadeiras e institutos universitários dispõem de abundante material de ensino e de pesquisa, indis-

pensável ao aprendizado objetivo, assim como à intensa tarefa investigacional movimentada por pessoal técnico de alto nível.



A prosperidade revitalizadora da vida cultural alemã, condicionada durante anos e desorganizada pelo impacto da guerra, está favorecendo o desenvolvimento das artes visuais, libertas do dirigismo estatal que considerava a arte moderna como arte degenerada, por não

sentir que a rutura das fórmulas e concepções anteriores, está desempenhando influência semelhante à decorrente do impressionismo surgido em 1874, no salão dos Independentes, de Paris, como resultante da tela de Monet, “Impressão — Nascer do Sol”, representativa de reação contra o aproveitamento constante de motivos mitológicos, históricos, religiosos e pela adoção como modelo, do colorido natural da paisagem, mutável com a luminosidade.

A animação observável nos meios

em que as artes visuais são cultivadas, é estimulada por freqüentes exposições realizadas em tôda a Alemanha ocidental, pelas amostras levadas ao estrangeiro, através da vida ativa dos museus e pelo mercado crescente cujo acesso é aguardada pelos jovens artistas, enquanto trabalham com os conhecimentos da arte gráfica ensinada nas escolas de belas artes, como atividade capaz de lhes garantir subsistência, enquanto esperam a libertação dependente da aceitação co-

mercial das suas telas, esculturas e gravuras.

A potencialidade dos museus alemães, pode ser presumida, considerando-se a aquisição recente pelo museu de Dahlem, de Berlim, por um milhão e meio de marcos, de uma Nossa Senhora de El Greco e a compra pela Casa da Arte, de Munique, de um quadro de Degas, por um milhão.

A volta da liberdade restituiu aos artistas o direito de pesquisar e de exprimir-se satisfazendo as aspirações da juventude inquieta e re-

belada contra injunções e delimitações criadas pelos que, segundo ela mesma, se opõem à liberdade de exprimir-se em conformidade com o mundo nôvo, em cuja elaboração toma parte o sentimento de criação de que cada um dêles deve se considerar possuído.

O reconhecimento da importância da pesquisa, aplicada para satisfazer o desejo de encontrar formas de expressão com caráter pessoal, tem apoio na Academia de Belas Artes, na União Alemã de Artistas, na Ajuda aos Artistas, nos

prêmios distribuídos e nas Escolas de Belas Artes que não impedem o estudo das várias tendências das artes plásticas em renovação das formas que em épocas sucessivas, representaram novas formas representativas, resultantes da evolução do espírito criador e da influência do momento, nos sentimentos que ocupam a vida interior de cada um.



O Senado Universitário, equivalente ao nosso Conselho Universi-

tário, admite nas suas sessões, quando oportuna, a presença de dois representantes da coletividade estudantil, sem lhes conceder o direito de votar, norma alargada na Universidade Livre de Berlim, cujo Senado inclui representação discente permanente, com direito de voto, privilégio resultante da responsabilidade que os estudantes tiveram na fundação e instalação daquela Universidade.

Todo rapaz e moça que termina o curso médio, tem o direito de ingressar em qualquer universidade,

sem exigências outras além do pagamento da taxa de matrícula, que continuará a satisfazer duas vêzes por ano, no início de cada semestre e que varia de 160 a 250 marcos, em acôrdo com o curso. Tratando-se de estudante proveniente de outro Estado ou país, as taxas são mais elevadas.

Os estrangeiros candidatos a matrícula são divididos em dois grupos: um representado pelos naturais de países cujo ensino secundário é considerado de bom nível e o segundo, reunindo os que procedem



de regiões em que aquêlê ensino é sabidamente deficiente. Os do primeiro grupo têm apenas que fazer prova de conhecimento prático da língua alemã, enquanto os demais são encaminhados a um Studienkolleg para que melhorem os conhecimentos de modo a lhes ser possível acompanhar os cursos preferidos.

Em cada Universidade há um departamento que se ocupa especificamente em prestar assistência aos estudantes vindos de fora do país, acolhidos e tratados sem discrimi-

nação e cercados de atenções destinadas a facilitar-lhes a admissão em faculdade, escola ou instituto, a adaptação ao meio, o uso do idioma alemão, a obtenção de alojamento adequado e a convivência social.

Há atualmente mais de vinte e seis mil estudantes estrangeiros na Alemanha ocidental, entre os quais é ínfimo, o número de brasileiros. Essa disparidade foi assunto ventilado em diversos encontros e, à indagação da sua causa, somente ocorriam-me duas explicações, falta de propaganda esclarecedora e difi-

culdades relacionadas com o idioma alemão, uma vez que, até as bôlsas reservadas anualmente pelo “Serviço de Intercâmbio Universitário Alemão” (Deutscher Akademischer Austauschdienst — D.A.A.D.) não são preenchidas e é impressionante o número de jovens universitários vindos de países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Através do Conselho de Administração, do Conselho de Direção e de um corpo de cem funcionários, o D.A.A.D., sediado em Bad Godesberg estimula as relações cul-

turais e científicas das universidades alemãs com as estrangeiras, concedendo bôlsas, apoiando a permuta de professôres e de pesquisadores, promovendo também o estágio de técnicos e viagens de observação.

Dos estrangeiros que estudam em universidades da Alemanha ocidental, mais de mil e quinhentos são bolsistas do D.A.A.D., que também concede bôlsas a rapazes e moças alemãs, para que possam estudar e pesquisar em outros países, escolhidos de acôrdo com as

preferências pessoais ou a natureza do estudo.

Essa promoção de intercomunicação nos setores cultural, científico e tecnológico, corresponde à política de aproximação que tem permitido nos últimos anos, a visita à Alemanha ocidental, de milhares de jovens franceses, ao mesmo tempo que outros tantos alemães têm ido ao lado esquerdo do Reno.

A aplicação dessa prática inteligente e oportuna, já oferece ativo ponderável de parte das universidades, em benefício das relações

humanas tão violentamente atingidas nas recentes provações decorrentes de estado de exaltação coletiva dirigida, motivador de destruição em massa, por desforra, de grandes áreas de muitas das importantes cidades industriais, de inconcebível matança e da expectativa temerosa de nova catástrofe ainda mais pavorosa.



O último item do programa da minha visita indicava um almôço

oferecido pelo Departamento de Imprensa e Informação, no Press Club, em Bonn.

A êsse almôço, entre outras pessoas, compareceram o senhor Bayern presidente daquele Departamento, acompanhado da sua senhora uma brasileira extremamente amável, o senhor von Beyme, do Ministério do Exterior, o Dr. Santos Rocha, secretário da Embaixada do Brasil e sua gentilíssima senhora.

O ambiente de cordialidade cerimoniosa, nos primeiros momentos,

transformou-se rapidamente em franca e alegre camaradagem, prosseguida na hora do café e durante mais algum tempo, influenciada pela circunstância de todos os convivas falarem português.

O significado do convite recebido para a visita cultural que se encerrava após o calor da acolhida que me fôra dispensada no decorrer de tantos dias, a que não faltou a dedicação de três assessores, reafirmou-se na oportunidade daquele almôço de despedida em que reiterei agradecimentos pelas distinções

recebidas, continuadas no momento com homenagem a Alfa e votos de felicidades no decorrer da excursão que íamos iniciar partindo para a Grécia.

Alfredo, João, 1898

Alemanha: aspectos universitários. Recife |Universidade Federal de Pernambuco| Imprensa Universitária, 1966.

111 p. 23 cm.

1. Universidades — Alemanha (República Federal, 1949-) I. Título.

378.43 (C.D.D. 16. ed.)

UFPe.

378.4(43-15) (C.D.U.)

SD-BC 66-1057

Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Universitária — Universidade Federal de Pernambuco — Rua do Hospício, 619, Recife — em agosto de 1966, 20.º ano de fundação da U. F. P., sendo Reitor o Prof. Murilo Guimarães, diretor da I. U. o bel. Edmir Régis e assistentes técnicos os srs. Dilermando Pontual e Vicente Machado.
Capa de Wilton de Souza



UNIVERSIDA
DE FEDERAL DE
PERNAMBUCO



1946

1966

* XX ANIVERSÁRIO *

A L E M A N H A :
ASPECTOS
UNIVERSITÁRIOS